



EDIÇÃO 2020 | N° 01

AMPLIE

— QUARENTENA —

Foto de Maira Amaral

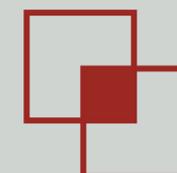


ÍNDICE

- 3 Introdução
- 5 Meio Ambiente
- 7 Saúde
- 9 Tecnologia
- 11 Entrevista
- 17 Relatos
- 19 Mural artístico
- 23 Saiba mais
- 25 Cultura
- 27 Política e mundo
- 29 Opinião
- 31 Falando em números
- 33 Dicas

QUEM SOMOS NÓS?

Prazer! Somos Ana Kei, Maria Eduarda, Mayla e Nara. Idealizadoras e editoras-chefe da Revista Amplie. Todas somos estudantes de Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Federal de Viçosa desde 2018. Diante do isolamento social devido à pandemia do Covid-19, nossas aulas foram suspensas já em março deste ano. Entretanto, não queríamos ficar paradas. A partir da vontade de colocar os nossos interesses e afinidades em prática e criar um conteúdo interessante, nasceu a ideia da Revista Amplie. Somos apenas quatro idealizadoras, mas desde o início tínhamos o objetivo de incluir textos e produções de quem quisesse na revista, para fazê-la mais plural e rica.



QUARENTENA

20 de março de 2020

De: EU
Para: EU

EU NÃO
AGUENTO
MAIS!

FICAR
EM CASA

NÃO
SURTAR



O INICIO DE UM SONHO
275 mil visualizações



DEU TUDO ERRADO
1,4 mi de visualizações

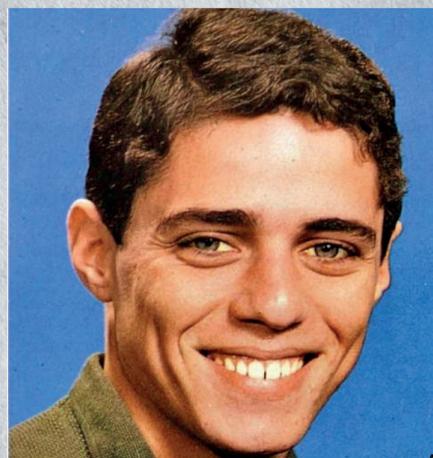
TAREFAS DO DIA:

- MEDITAR
- FAZER SKINCARE
- LER UM LIVRO
- ASSISTIR A UMA SÉRIE OU FILME
- HIDRATAR O CABELO

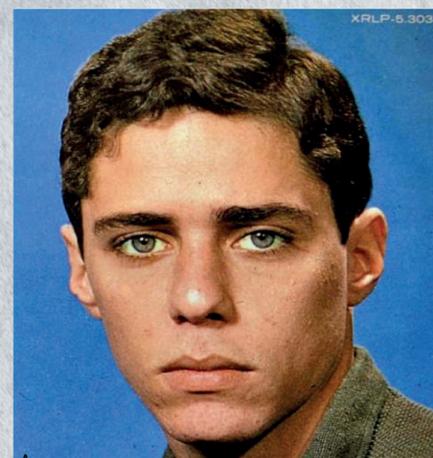
E LEMBRE-SE:

NÃO SE COBRE
DEMAIS

Indo pra casa passar
quarentena achando que
duraria 1 semana



Eu em casa usando a
mesma roupa após 7
meses



colocando meu outfit pra fazer
compras no mercado



SEXTOU COM S DE:
 SAIR
 SAUDADE
 SENTAR A BUNDA
NO SOFÁ E VER TV

LUGARES
DISPONÍVEIS:
- SALA
- COZINHA
- BANHEIRO
- QUARTO

PEDIR
COMIDA

COZINHAR

checklist para
sair de casa:

- ✓ álcool em gel
- ✓ máscara
- ✓ distanciamento social de 2m

QUEM RESPIRA EM TEMPOS DE COVID?

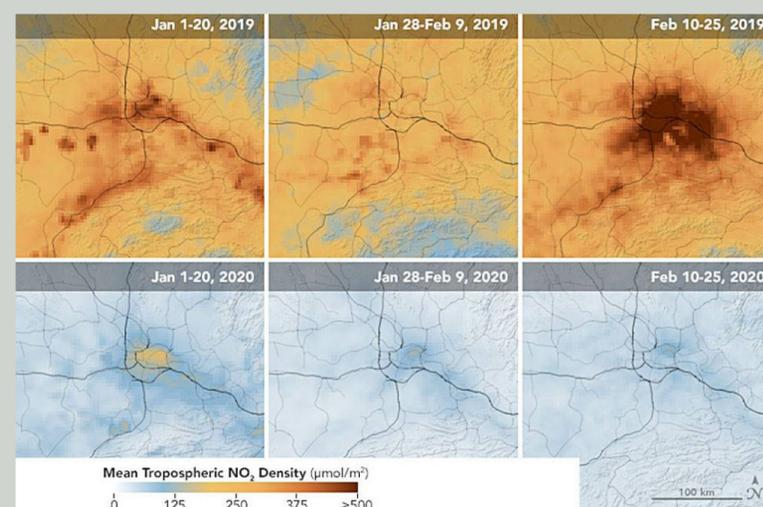
Por Estela Antunes

“Enquanto os seres humanos seguem em busca de uma cura ou prevenção, parece que a natureza já encontrou a dela”.

- Isabella Otto, Jornalista

Já faz pelo menos 8 meses que o mundo está vivendo o “novo normal” e, em meio a tragédia humana incalculável, é difícil ver algo positivo nos noticiários. No entanto, enquanto medidas de isolamento social vigoram nos países diminuindo o ritmo de vida das pessoas, o meio ambiente, finalmente, tem respirado de novo.

No início de março, a NASA divulgou uma imagem comparando a quantidade de dióxido de nitrogênio liberado pela China durante os dois primeiros meses dos anos de 2019 e 2020 em que, no segundo, o número chegou a praticamente zero. Simultaneamente, golfinhos foram vistos nos canais de Veneza e os ingleses comemoraram que o Rio Tâmsa, biologicamente morto, reviveu. A queda nas atividades industriais e na circulação de automóveis diminuiu drasticamente a poluição do ar, principalmente nas áreas mais afetadas pelo coronavírus. Um estudo realizado pela Universidade de Oxford mostrou que aproximadamente 77 mil vidas foram salvas na China. Vidas essas que poderiam ter sido comprometidas em decorrência de complicações pela poluição atmosférica.



Efeitos ambientais da pandemia são claros em Wuhan, cidade chinesa fortemente afetada pelo vírus. Reprodução/NASA.

Além disso, por causa da baixa circulação de pessoas nas ruas e praias, o lixo que antes ia parar nos rios e mares teve outro destino – não necessariamente correto, mas precisaríamos de outra conversa para falar sobre isso –, tornando esses ambientes propícios para que os seres aquáticos pudessem viver em paz no seu próprio habitat. O *CarbonBrief* (site britânico criado para melhorar o entendimento das mudanças climáticas) estimou uma queda de 6% na emissão de gases estufa neste ano. Nas palavras da jornalista Isabella Otto “enquanto os seres humanos seguem em busca de uma cura ou prevenção, parece que a natureza já encontrou a dela”. Fica a reflexão!

Mesmo com números que representam um grande avanço na missão de evitar o aumento do aquecimento global, é difícil ganhar a briga contra o capitalismo. Na tentativa de recuperar os prejuízos econômicos, as indústrias já estão voltando com as suas atividades. Em cenários pós-crise na era da produção em massa, é esperado que isso ocorra. Ainda assim, passamos meses esperando que, finalmente, a atenção da raça humana se voltasse para as questões ambientais mas, como resposta, tivemos exemplos de várias cidades chinesas que, em suas reaberturas no mês de maio, registraram um aumento de 5% de dióxido

e nitrogênio e dióxido de enxofre na atmosfera, em relação ao ano passado. Claramente, a humanidade não aprendeu nada e está pagando para ver um último suspiro da natureza.

MAS... E O BRASIL?

Por aqui, a Baía de Guanabara nunca viu tantos peixes e tartarugas e, no estado vizinho, a poluição do Rio Tietê diminuiu pela primeira vez em 10 anos. No entanto, no Brasil temos um problema que nos coloca na contramão do mundo: o agronegócio. Segundo o Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa (SEEG), os setores da Agropecuária e de Uso da Terra correspondem a mais de dois terços das emissões de gases estufa no nosso país e, sendo assim, a melhora nos outros setores acaba não sendo tão significativa. Aqui, nós temos uma cortina de fumaça que se aproveita do olhar das pessoas para a pandemia fazendo o pico de mortes pelo vírus e o de desmatamento na Amazônia acontecer ao mesmo tempo. Por isso, enquanto o mundo comemora seus 6% de redução de gases estufa, o Brasil contribui com um aumento de 10% a 20% (em relação a 2018). É assim que queremos que as futuras gerações se lembrem de nós?

PARE TUDO QUE VOCÊ ESTÁ

FAZENDO E VÁ LER UMA NOTÍCIA

SOBRE O CORONA VÍRUS

Por Julia Lourenço

Sabemos que nosso cotidiano está tomado pelo acontecimento Coronavírus. O que começou como uma infecção em Wuhan agora é uma preocupação mundial. Governantes – sérios –, empresas e instituições de ensino ao redor do mundo têm a pandemia como o cerne de todas as suas preocupações, e, com a mídia, não seria diferente. Todos os dias, o volume de informações que chegam das pesquisas, dos resultados oficiais dos países e de organizações como a OMS é gigante e o trabalho de apuração daqueles que indiretamente são linha de frente no combate é grande em proporção.

Mas o mal da contemporaneidade não ia descansar naquela que já é considerada uma das maiores crises do século. As fake news ganham cada vez mais espaço a ponto de Atila Iamarino, biólogo e pesquisador que ganhou notoriedade pelas informações que passa sobre o vírus na internet, entrar nos intervalos do horário nobre da televisão para informar sobre o risco de acreditar e repassar informações falsas.

Dois problemas são encontrados aí: o de quantidade e o de veracidade das notícias. Elas se encontram numerosas não só nos meios de comunicação formais, mas em todos os locais da internet, onde não existe, necessariamente, um espaço para checagem de informações. Tudo isso unido ao contexto de fragilidade da saúde mental, em que o percentual de pessoas com depressão saltou de 4,2% para 8,0%, enquanto para os quadros de ansiedade o índice foi de 8,7% para 14,9%, nos restando

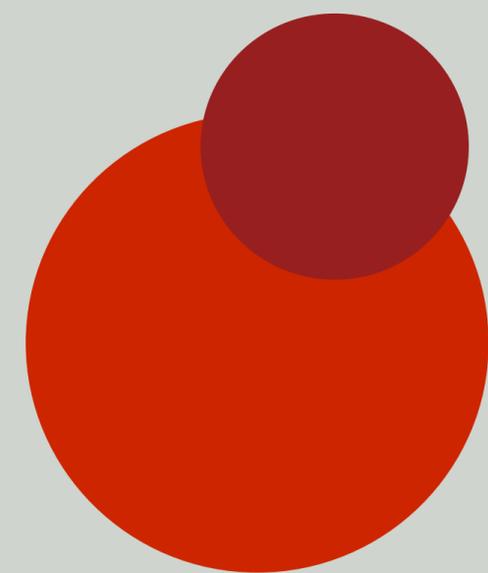
apenas uma opção: se distanciar das notícias.

Mas é possível? Num mundo globalizado como o nosso, simplesmente desligar televisão, rádio, celulares, computadores é impossível. Nossa rotina demanda conectividade, ainda mais em um cenário de home office. Por isso, o melhor para o bem estar mental é saber não só dosar a quantidade de notícias, mas saber quais informações consumir.

A primeira dica é priorizar sites brasileiros. Por mais que a ciência tenha um caráter universal, que consegue ultrapassar barreiras geográficas, e mesmo que o caso do Coronavírus em específico se trate de uma movimentação global, sites brasileiros ajudam a fazer a gente se conectar com as notícias. Muitos dos sites do Brasil importam notícias de canais como BBC e CNN, no entanto os casos tratados e as analogias feitas muitas vezes não conseguem se adaptar a nossa realidade. Notícias estadunidenses, por exemplo, dificilmente conseguem compreender a realidade do vírus nesse momento do Brasil.

É necessário, também, ser crítico em relação ao que vai ler. A realidade nas redações é caótica, a demanda de informação é gigante e por isso, às vezes, a apuração não foi feita da melhor forma. Priorize sites que têm como fonte o Ministério da Saúde, OMS ou especialistas na área e desconfie de imagens e textos que não falam a origem da informação.

O controle de quais informações consumir é fundamental para manter uma saúde mental equilibrada e as informações em dia.



TikTok em xeque



ESTAMOS REALMENTE CONECTADOS?

Por Felipe de Azevedo

Utilizar as redes sociais vem se tornando algocadavez mais comum. Segundo a *We Are Social*, empresa especializada em pesquisas na área, cerca de 3.8 bilhões de usuários estão ativos hoje. O *TikTok*, aplicativo chinês de compartilhamento de vídeos curtos, já conta com mais de 2 bilhões de downloads e é considerado

o mais popular durante a pandemia.

Com o destaque que essas redes acabam ganhando durante esse período de isolamento, o *TikTok* foi notado até mesmo pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Mas, diferente de outras figuras públicas, Trump não entrou na onda das dancinhas ou challenges da plataforma, e sim decidiu barrá-la dos Estados Unidos, que já conta com mais de 100

milhões de usuários. A decisão foi baseada em um possível repasse de dados comportamentais que a empresa *ByteDance*, responsável pelo *TikTok*, estaria fazendo ao governo chinês. Apesar da *ByteDance* já ter negado as acusações, Trump afirma que só voltará atrás caso a gigante chinesa implemente uma parceria com alguma empresa estadunidense, tendo, consequentemente, maior controle sobre os dados

dos usuários.

Em meio aos acordos aceitos e negados, ainda não é possível traçar um fim definitivo para essa novela, mas uma certeza é que o governo Trump está indo com tudo para cima das plataformas chinesas. O *WeChat*, outra rede chinesa, também está sofrendo uma ação que pede o seu bloqueio judicialmente em território estadunidense. A dúvida que fica é se realmente o país vê esses meios como uma ameaça à privacidade ou apenas exige esses acordos para impedir qualquer vitória chinesa na guerra comercial travada há meses e que vai muito além dos produtos físicos.

Por Bruna Vargas

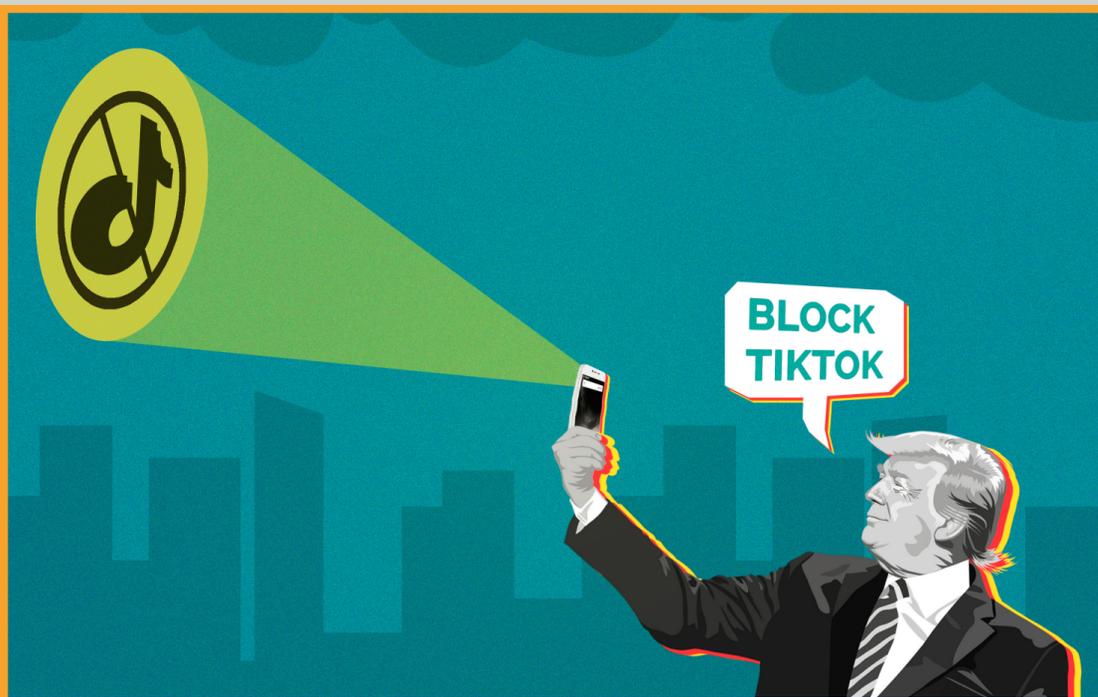
O desenvolvimento tecnológico foi acompanhado por uma falácia que afirmava que, com o passar do tempo, ele afastaria as pessoas. Mas na contemporaneidade, em tempos de pandemia e isolamento, ele tem se mostrado absolutamente essencial para a nossa aproximação social.

Desde o início da quarentena no Brasil, o uso da internet para diversos fins cresceu de 40 a 50% em todo o país, segundo dados da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). Redes sociais como o *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*, também tiveram um aumento de 40%. Esse aumento absolutamente relevante tem razões óbvias, já que, durante o isolamento, desde as nossas reuniões de trabalho, passando por aulas remotas de escolas e universidades, até

os momentos de lazer com família e amigos, acontecem no ambiente virtual.

Entretanto, por mais que facilitadas, as relações produzidas pela tecnologia se mostram bastante superficiais e, por esse motivo, têm tido grandes consequências sociais negativas. Uma pesquisa realizada pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), mostrou que os casos de depressão aumentaram 50% e os de ansiedade e estresse 80% durante a quarentena no Brasil.

Dados que evidenciam como a internet ressignificou as nossas relações com os outros e, principalmente, com nós mesmos. Cabe a nós o aprendizado para usá-la cada vez mais ao nosso favor, para que a função de aproximar seja atingida com êxito e a do afastamento, por fim, seja comprovada como falaciosa.



“Ainda não é o momento da gente baixar a guarda.”

Fábio Moraes, cardiologista que atua na UTI de um hospital particular em Sorocaba (SP), fala sobre a pandemia de covid-19 no Brasil.

Sua rotina mudou (tanto dentro quanto fora do hospital) depois que o Corona chegou aqui no Brasil? Se sim, como?

Mudou, sim. Dentro de casa é aquela coisa que todo mundo teve, de isolamento... Fiquei uns dois meses sem ver meus pais. Tenho dois filhos, um de três e um de sete anos, ficaram pelo menos uns três meses sem ver os avós por conta disso. Principalmente no começo, porque agora a gente já sabe mais ou menos como é o comportamento da doença, na questão de tratamento. Mas no começo era tudo muito novo, tava todo mundo muito perdido. Era uma coisa que a gente tinha muito receio mesmo, de pegar e levar pra família. Então, mudei completamente. Não entrava dentro de casa

sem antes fazer uma limpeza, por conta dessa preocupação de além de ficar doente, trazer pra dentro de casa. Eu peguei depois de uns três meses mais ou menos. Tive um quadro leve, fiquei umas duas semanas em casa isolado... mas não tive um quadro que precisasse ficar no hospital internado. Depois disso, eu acabei ficando um pouco mais tranquilo, mas até esse momento, no trabalho, tinha aquela paranóia de ficar toda hora passando álcool em gel. Quanto a questão no trabalho, nossa vida mudou muito. Eu trabalho num hospital privado, então a gente não teve muitos problemas em relação à estrutura, equipamento, treinamento. No começo tivemos muito treinamento - pros médicos, enfermeiros, pessoal da limpeza - todo mundo

que acaba entrando em contato com os pacientes. Por outro lado, teve uma questão que, no nosso hospital, tivemos muitos colegas médicos, muitos profissionais de saúde internados com a gente. Familiares de médicos... e isso pesou bastante. Não tivemos aquela carga da falta de estrutura, mas tivemos essa carga emocional de ver muitos colegas, de estar conversando com eles num dia, e depois de dois/três dias desapareciam... depois apareciam lá no “ventilador” sedados. Isso foi muito pesado. Além do desgaste físico também! Parece coisa de residente, não tem hora pra chegar e nem pra sair; sai quando termina de fazer tudo. Passamos por alguns problemas por causa disso... por conta de tempo mesmo, chegava no final do dia e não

SAIBA QUAIS SÃO OS SINTOMAS DO COVID-19:



SINTOMAS MENOS COMUNS

- Dores e desconforto
- Dor de garganta
- Diarreia
- Conjuntivite
- Dor de cabeça
- Perda de paladar ou olfato
- Erupção cutânea ou descoloração dos dedos das mãos e dos pés

SINTOMAS MAIS COMUNS

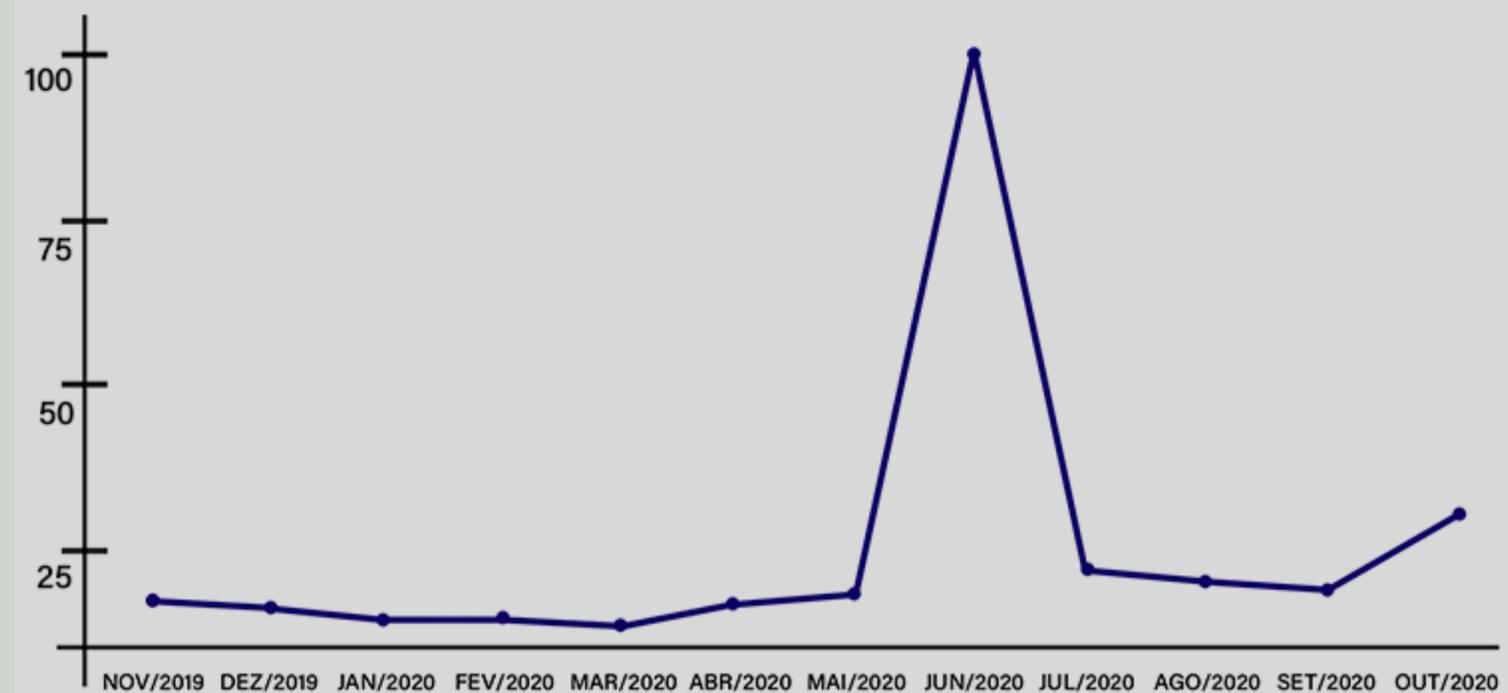
- Febre
- Tosse seca
- Cansaço

SINTOMAS GRAVES

- Dificuldades para respirar ou falta de ar
- Dor ou pressão no peito
- Perda de fala ou movimento

Ilustração: Designed by pilsupstar / Freepik

BUSCAS NO GOOGLE PELO TERMO “SAÚDE MENTAL” ENTRE NOVEMBRO DE 2019 E OUTUBRO DE 2020 NO BRASIL SEGUNDO O GOOGLE TRENDS:



* O gráfico mostra o interesse das pessoas pelo termo ao longo do tempo. O valor de 100 representa o pico de popularidade do termo. O valor de 50 demonstra metade da popularidade. Um valor de 0 significa que não havia dados suficientes sobre o termo.

* Fonte: Google Trends



conseguia fazer a parte de escrever em prontuário, fazer prescrição... a parte burocrática do trabalho, a gente tinha que ficar até mais tarde para fazer, porque não parávamos durante o dia.

Vocês tiveram suporte do hospital nessa parte psicológica, que você disse que foi bem afetada?

Tivemos todo um treinamento antes, sobre como se vestir, uso de equipamentos... no sentido de evitar a infecção da equipe. E a equipe de psicologia do hospital fez um trabalho nesse sentido. Eu, na verdade, acabei voltando com a minha terapeuta, fazia terapia individual e parei, mas acabei tendo que voltar na pandemia, porque chegou uma hora que ficou difícil. Mas o hospital deu esse suporte pra gente. Outra coisa que a gente observou também, falando do nosso lado, como profissional de saúde, foi essa confusão toda de cloroquina, cada hora um tratamento diferente. E isso foi uma coisa que, se pegasse os grupos de médicos, convenção de médicos, tinham vários atritos entre o pessoal que defendia

essas coisas. A grande parte deles eram de médicos que não estavam na linha de frente, tinham outras especialidades... A gente falando "isso aí não resolve, não adianta perder tempo com isso" e o pessoal insistindo. E essa questão do médico virar paciente e estar exposto... isso aí gerou uma loucura nos colegas.

Como será o processo de imunização num país tão grande como o Brasil? A partir dessa ideia que temos que quando sair a vacina estaremos seguros.

É, não vai né? Não vai, porque o que acontece: Não são todas as pessoas que recebem a vacina que têm imunidade. Mas se a maioria das pessoas tiverem, a gente consegue controlar a disseminação da doença, controlar a pandemia. Teremos casos isolados, mas não terá mais essa situação que a gente vive hoje, do isolamento, de máscara, esse tipo de problema. Agora, todo esse processo de vacinação vai ser uma coisa que vai demorar. Primeira coisa, contando que todo mundo vai tomar a vacina, são 200 milhões de doses só para o Brasil.

Ninguém vai conseguir fazer isso de uma hora pra outra, tem que ser feito aos poucos. Então a partir do momento que for liberado o registro da vacina e começar a ser autorizado, o processo da vacinação vai demorar até todo mundo (ser vacinado)... Não vai ter como você ter um estoque de vacina para fazer todo mundo tomar ao mesmo tempo. Sabemos que, lógico, quanto mais pessoas forem sendo vacinadas a tendência é que vai controlar melhor a disseminação, mas vai levar um tempo ainda. Tanto que alguns estudos que o pessoal levantou de fora (do Brasil) é que a pandemia vai ser controlada totalmente no mundo, provavelmente, só do meio pro final de 2022, por conta de todo esse processo de vacinação. É uma estimativa, não é que é uma coisa certa.

Como os profissionais da saúde lidaram com algo tão inesperado? Foi fácil e rápido se adequarem à situação ou não?

Ah, não foi, viu? Por conta da rapidez de casos no Brasil, a gente tinha muita pouca informação.



“A gente começou a trocar a roda do pneu do carro com o carro andando a 100 km/h.”

Lógico que aqui no Brasil já tinha um pouco mais de informação do que o pessoal da Europa teve, quando começou o surto deles. As coisas começaram a aparecer ao longo do processo e, no meio disso aí, tiveram todos esse ruído né? De cloroquina, de um tratamento que aparece aqui, outro que aparece lá...e depois foi visto que algumas coisas funcionavam e outras não. Então foi um processo muito complicado. Cada hora se falava uma coisa diferente, a gente recebendo aquele monte de informação, mais a ansiedade de

não saber como ia ser a situação da gente chegar a um ponto de sobrecarga no trabalho; de não conseguir dar conta; da gente ficar doente; dos meus colegas; do medo de perder alguém. O começo, os dois primeiros meses, entre abril e maio, foram muito difíceis nesse sentido.

Qual a sua opinião sobre as políticas do governo para tratar da questão da pandemia? E sobre os discursos irresponsáveis de Jair Bolsonaro?

Eu acho que a questão política foi muito

complicada, isso é nítido. Se a gente pegar os três países do primeiro momento que mais tiveram casos, foram os Estados Unidos, o Brasil e o Reino Unido. O Reino Unido teve uma diferença em relação aqui e os Estados Unidos. É porque lá, "o cara" (Boris Johnson) quase morreu. O Boris ficou mal, acho que tomou um susto, a pressão popular foi em cima e eles tiveram que mudar a linha, mas foi uma coisa mais tardia. Aqui e nos Estados Unidos, não. Então, ficou essa coisa, aquela história de gripezinha, de histórico de atleta, aquela conversa toda. E isso acabou sendo uma coisa que levou a reforçar esse discurso negacionista, essa questão que não precisava parar tudo, não precisava ter isolamento, não precisava ter cuidado. Eu vejo que essa foi uma coisa que pesou muito. Esse discurso da cloroquina, discurso do isolamento ter sido desnecessário porque a pandemia diminuiu do mesmo jeito, morreu um monte de gente do mesmo jeito... Mas se comparar, por exemplo, com países como a Coreia, a própria China, que foi onde começou, onde teve o primeiro foco, Portugal, os países da extremidade

da Dinamarca, Noruega, exceto a Suécia, pois eles tentaram fazer uma coisa mais flexível e tiveram problema, você vê que o índice de casos e de morte por habitantes é muito baixo. Isso porque eles tiveram uma política de isolamento, de orientação à população. É lógico que o fato de eles serem um país que a população tem índice cultural mais avançado ajudou, mas se comparar a países mais semelhantes, como é o caso da Suécia, da Noruega e da Dinamarca que são vizinhos de população, uma que o governo adotou uma medida de proteção e a outra mais frouxa, vê que teve diferença. A questão política foi um negócio determinante para a maneira que a pandemia evoluiu aqui. De não ter tido um resultado melhor que a gente tá tendo, porque faltou controle, faltou um cuidado, um comando seguindo a ciência, seguindo o que os especialistas orientavam no mundo inteiro. Isso aí foi o mundo inteiro falando. Então isso é uma coisa que é evidente que contribui muito para esse resultado horrível que tá aqui no Brasil.

E qual é a situação atual em Sorocaba, a sua cidade?

A nossa curva de casos ocorreu mais ou menos com um mês de atraso em relação a São Paulo (capital). Tanto que no começo aqui quase não teve caso nenhum, enquanto São Paulo já tinha muitos casos. Quando os casos em São Paulo estavam começando a cair, a gente tava no nosso pico. Nosso pico foi entre julho e agosto. Teve que fechar as UTIs pra manter só pacientes com COVID, porque estavam aparecendo muitos casos, mas agora, nesse mês de outubro teve uma melhora bem significativa. A gente não sabe se é pela imunidade populacional, se é questão de clima, porque agora começou o calor e, apesar de nada ter sido comprovado, a gente sabe que nessa estratégia o calor costuma diminuir a transmissão. Deve ter sido uma combinação das duas coisas e percebemos que realmente nesse momento tá melhor. Isolamento aqui já faz tempo que não tem! Já faz pelo menos uns dois meses, desde agosto mais ou menos, que não tem isolamento. Você sai na rua e parece normal...



os lugares, shopping com muita gente, mercado cheio, as escolas já voltaram há mais de um mês. Então parece que realmente essa questão do tempo, do clima, deve ser uma coisa que tá influenciando. Tanto que não tá aquela preocupação de saber se vai ter o pico de novo ou não. Nesse momento, tá bem mais tranquilo, o momento mais difícil que passamos foi uns dois, três meses atrás.

Qual é o sentimento de acabar de sair de um plantão, um expediente cansativo, e ao sair na rua ver os lugares cheios? Por que você acha que não se está respeitando a quarentena como se deveria?

São duas coisas: uma, como eu falei, no começo da pandemia todo mundo tava morrendo de medo, ninguém sabia como que era. Então as pessoas respeitaram mais. Via-se que todo mundo estava em casa. Com o passar do tempo, as pessoas começaram a ficar doentes e se contaminar. E assim, realmente mais de 90% das pessoas têm quadros leves, falo por mim. E as pessoas começaram a perder o medo pelo negócio, além da questão de que todo mundo começou a ficar

cansado também. Por que é difícil ficar três/quatro meses dentro de casa sem sair na rua. É complicado! Diminuiu (o número de casos), mas tem que manter os cuidados e tudo. Todo mundo de máscaras, evitar aglomeração sem necessidade. Mas tem alguns momentos que se via que as pessoas não estavam preocupadas. "Ah! tô preocupada em fazer meu treino e dane-se se posso estar transmitindo". Principalmente no começo, nos dois, três primeiros meses que o negócio realmente incomodava bastante ver esse tipo de situação.

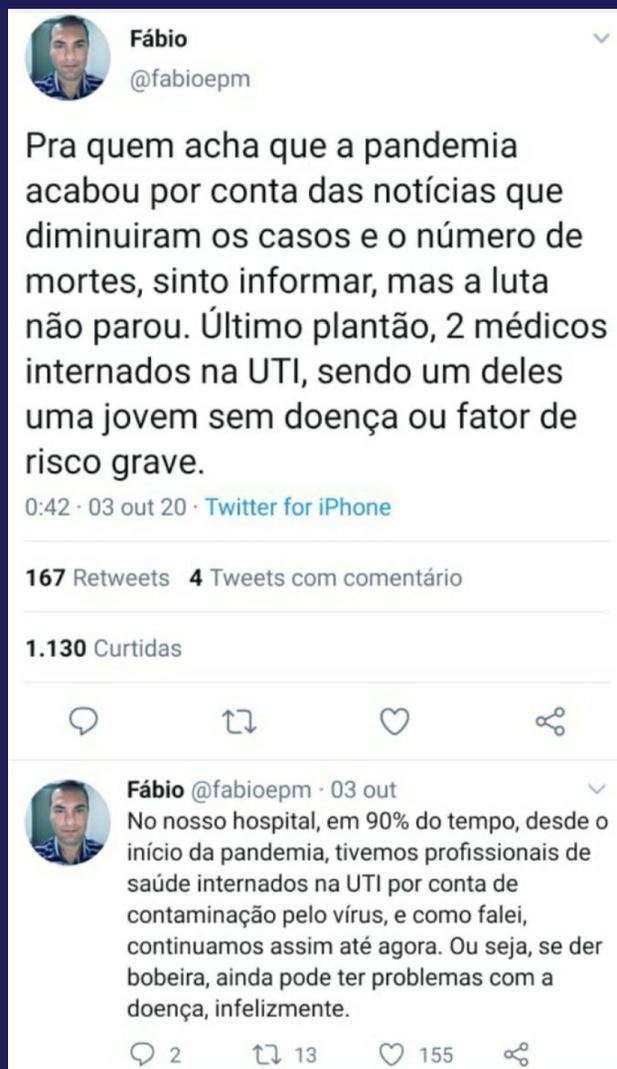
Fábio, você falou que você chegou a pegar o corona alguns meses atrás. Como foi a sua relação em casa? Sua família também pegou? Seus filhos?

Sim! Então, lá em casa somos quatro: eu, minha esposa e meus dois meninos. Ninguém teve sintoma nenhum, mas eu acabei fazendo exame só pra poder saber por causa do contato com os meus pais, meu sogro. O meu menino mais velho teve, a minha esposa e meu caçula não pegaram, mesmo tendo convívio em casa. E assim... a primeira semana é bem angustiante. Porque a gente sabe que depois de uma semana, o histórico

da doença é essa, depois de uma semana com sintomas que começam a aparecer... quando a pessoa tem estado grave que começa a piorar. Então até o momento que eu fiz os exames, que eu fiz uma tomografia -- eu fiz um exame no pulmão para ver como que tava --, fiz exame de sangue e vi que tava tudo em ordem eu fiquei bem angustiado. Depois disso aí, que deu pra observar que o quadro ia ser mais leve mesmo aí acaba diminuindo, mas assim... nos primeiros dias você fica muito ansioso, com medo de ter um quadro grave. Não tem como dizer que não fica, que você acaba ficando, viu?!

Você acredita que agora nós estamos em uma situação melhor desde o início ou a gente continua numa situação muito preocupante?

Preocupante é, né?! Ainda estão tendo 500 mortes por dia. É muita gente! E na Itália aquele momento que todo mundo entrou em pânico: "nossa, tá morrendo um monte de gente na Itália", lá eles estavam tendo isso de óbito. Lógico, o Brasil é um país maior, tem uma população maior. São várias realidades diferentes de clima, de condição socioeconômica



Comentários de Fábio no Twitter no mês de outubro sobre o assunto.

em cada região, governos diferentes. Mas ainda é preocupante, porque no momento que parece que está tudo bem, também estão morrendo 500 pessoas por dia. Então é aquela coisa... sempre tem aquela sombra da segunda onda. Eu até brinco, até comentei com colegas da infectologia do hospital esses dias que aqui no Brasil não tem primeira e segunda onda, aqui tem a pororoca - é aquela onda que não acaba, vai 20km se alastrando - foi o que aconteceu com a gente, se pegar o gráfico o mundo todo fez aquele pico e caiu; a nossa onda foi, subiu, ficou e agora que está começando a cair. Então ainda não é o momento da gente começar a baixar a guarda, porque não sabe como vai ser daqui a três, quatro meses quando começar o outono, final do verão, temperatura voltar a cair...se não vai acontecer o mesmo processo que a Europa está tendo de voltar a subir os casos. Tranquilidade mesmo a gente só vai ter quando tiver a vacinação em pelo menos boa parcela da população. Antes disso acho que não vai ter como ficar 100% tranquilo no sentido de que tá controlado o surto, a pandemia.

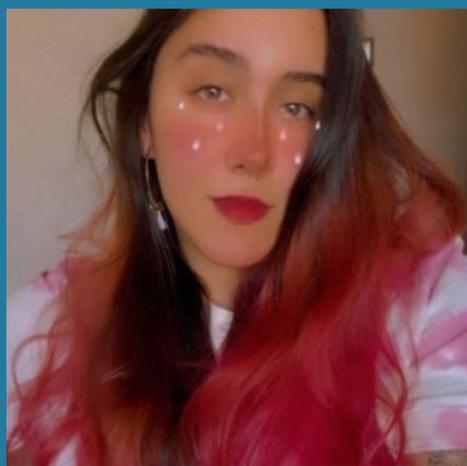
O que você acha que dá pra tirar de lição dessa pandemia e o que vai mudar depois que ela passar, ou agora nesse processo?

Se for pensar na questão da saúde pública, ficou evidente que, comparando a gente com os Estado Unidos - hoje mesmo eu estava vendo uma postagem no Twitter que o pessoal tava compartilhando, uns colegas médicos compartilharam lá de um cara relatando que o cunhado (o marido da irmã) teve covid e ficou 2 semanas internado e foi a óbito. E o hospital mandou uma conta de 1 milhão de dólares para a mulher pagar. É uma coisa que assim, aqui no Brasil, em um hospital particular uma diária de UTI custa mais ou menos uns 10/15 mil no máximo. Os caras mandaram uma conta de 1 milhão, então quer dizer, uma diária de 100 mil dólares. E isso ficou evidente que tem que ter um sistema de proteção. Eu trabalho em serviço privado hoje, mas eu já trabalhei muito em serviço público. Minha formação toda foi em ensino público, estudei em universidade federal. E assim, a gente vê que não dá pra ser aquela coisa de paga quem tem e quem não tem se vira. Então assim, uma coisa que o povo brinca

do SUS e tal, os memes no Twitter, no Instagram, mas é verdade aquilo mesmo. Porque você tem que ter alguém pra centralizar, pra gerenciar, pra dar um caminho para como ser feito. Mas (teve) uma coisa que eu já tinha pensado que não era bem assim e essa pandemia mostrou muito. Porque a quantidade de barbearagem que a gente viu o pessoal fazendo, né? Que tavam falando, discutindo evidência científica, indo contra, tentando botar tratamentos sem evidência nenhuma, sabe? E indo contra o que a ciência diz, né? Foi uma coisa que, eu imaginava que tinha isso, mas foi algo que me surpreendeu muito. E por outro lado, eu acho que o ensinamento que fica é que se as pessoas forem bem orientadas, elas fazem o certo. Porque, como eu falei, no começo, apesar de tudo, apesar de ter sido uma coisa totalmente bagunçada, as pessoas estavam respeitando a quarentena. Você saía na rua...eu saía de manhã cedo pra ir pro hospital, você via que as ruas estavam vazias, o pessoal tava em casa. A partir do momento que começou a ter ruído que "ah, não é isso, tem tratamento"... que a coisa começou a desandar.



CONTA PRA GENTE



Amanda Carreiro, 23

O meu ramo dificilmente vai sofrer uma grande crise, porque é um ramo de alimentos e as pessoas não deixam de comer. Apesar do meu tipo de alimento que é doce, não ser, de fato, um alimento necessário pra sobrevivência, ele é um alimento que muitas vezes é utilizado pra uma necessidade emocional, da pessoa comer aquilo ali e se sentir acarinhada de uma certa forma... Na quarentena eu fiquei com muito medo inicialmente, porque eu pensei que as pessoas parariam de comprar, que iriam poupar dinheiro e que eu iria passar aperto. Só que aconteceu exatamente o contrário, eu acho que pelo fato das pessoas... do ano de 2020 em si, ter sido um ano muito difícil pra todo mundo emocionalmente, as pessoas estavam mais conectadas, mais sensíveis, dentro de casa... Isso fez com que o meu negócio crescesse de uma forma que ele não cresceu fora da pandemia. A quarentena em si foi - é até feio falar isso -, mas ela pro meu negócio, foi boa. Supriu as minhas expectativas. Eu acho que vai muito também, do meu posicionamento perante tudo, porque eu poderia ter ficado desanimada, por medo eu poderia ter dado uma recuada, mas não! Eu tive muitas conquistas esse ano e espero, de verdade, que isso tudo passe logo.

Sou professora da rede estadual de Minas Gerais, e, quando as aulas foram suspensas no dia 18 de março, fiquei assustada, mas achei que no máximo em duas semanas estaríamos de volta.

Quando começaram a falar em aulas à distância fiquei apavorada! Não gosto nem de gravar áudio, como faria para gravar uma vídeo-aula? Mas com o tempo fui me adaptando aos estudos remotos e já se foram 5 meses. Não é a mesma coisa das aulas presenciais e o que mais me incomoda é a falta de interesse dos alunos, sinto que estão muito desmotivados! Sempre falam que não estão aprendendo e que sentem falta das aulas presenciais, mas ao mesmo tempo ficam com medo do retorno sem a vacina, e o mesmo acontece com nós professores.



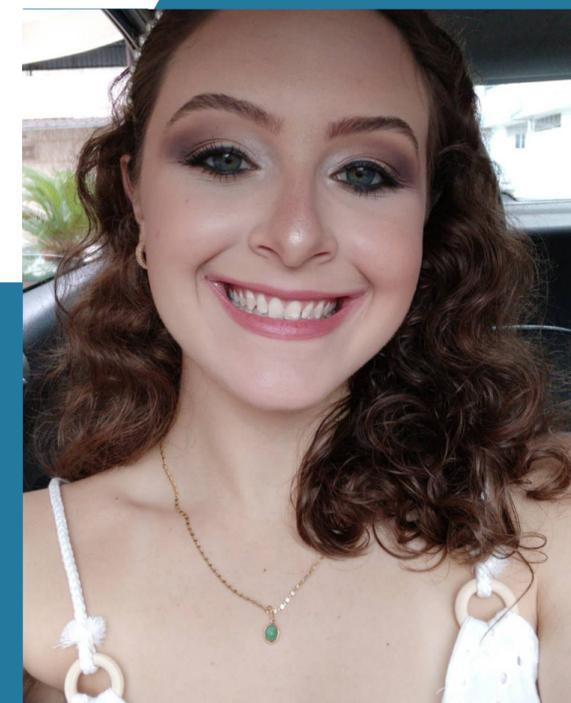
Márcia Vaz de Melo, 41



Anderson Castro, 42

Quando os casos do COVID-19 começaram pelo mundo, eu não tinha ideia do caos que iria causar para mim, porque eu tinha planejado uma festa de aniversário surpresa para a minha esposa no Brasil. Já estava tudo reservado e pago e, de um dia pro outro, ficou uma doideira. Cancelaram o meu voo para o Brasil e depois tive que entrar em contato com todos os fornecedores da festa. Foi triste, pois tinha planejado tudo com antecedência (já que moramos nos EUA), e aí faltando 1 semana para o evento foi tudo por água abaixo. A renegociação com os fornecedores foi de boa, porém foi difícil entrar em acordo com todos e tentar remarcar a festa para um dia em que todos eles estivessem disponíveis. Foi um pouco estressante. Estamos com esperança de realizar a festa no próximo ano quando passar essa pandemia

Sou estudante do terceiro ano do Ensino Médio e vou prestar vestibular para Medicina. No início da pandemia, quando falaram que as escolas iriam parar, eu achei que duraria umas 2 semanas no máximo, que não passava de uma coisa boba que rapidinho ia ser resolvida. Quando começaram a aumentar o número de mortos, principalmente na minha cidade, percebi que não era brincadeira, mas acho que só notei o impacto no meu ano letivo quando confirmaram o adiamento do Enem, já que ficamos por muito tempo sem saber como seria. Em relação ao EAD, eu não senti tanto impacto no meu aprendizado, porque desde sempre fui muito autodidata e conseguia me virar com as matérias sozinha. O que realmente me abalou foi a distância da escola como espaço físico e das pessoas que eu já estava acostumada a conviver diariamente, e isso me desanimou muito, a ponto de não conseguir ter ânimo de comer e de fazer algum exercício físico, o que querendo ou não afetava meu rendimento. Ainda que eu reconheça o privilégio de ter permanecido com as aulas, o que muitos não tiveram, outro problema foi a falta de atenção e o cansaço provocado pelo uso contínuo de computador e de celular, já que eu usava tanto pra estudo, quanto pra lazer, o que meio que saturou a cabeça e deixou o 3º ano ainda mais estressante.



Maria Eduarda Bittencourt, 18

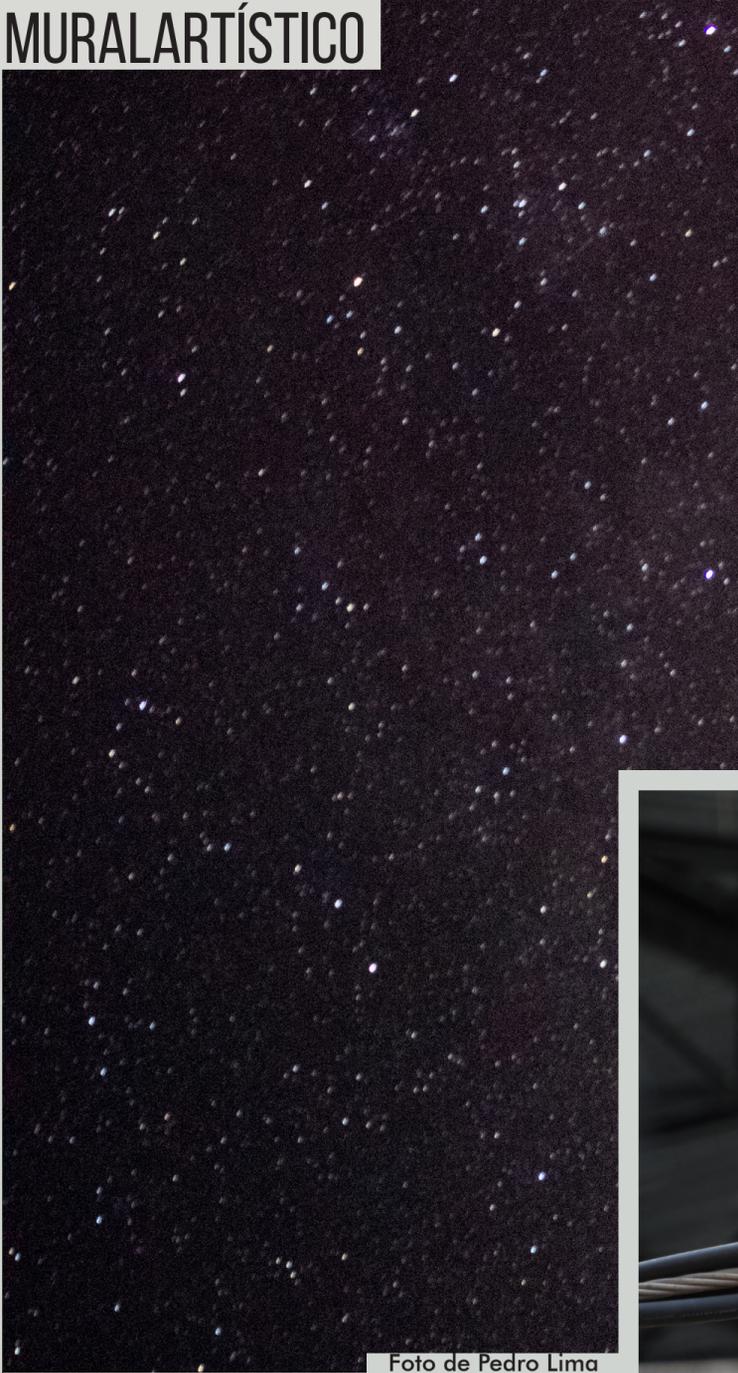
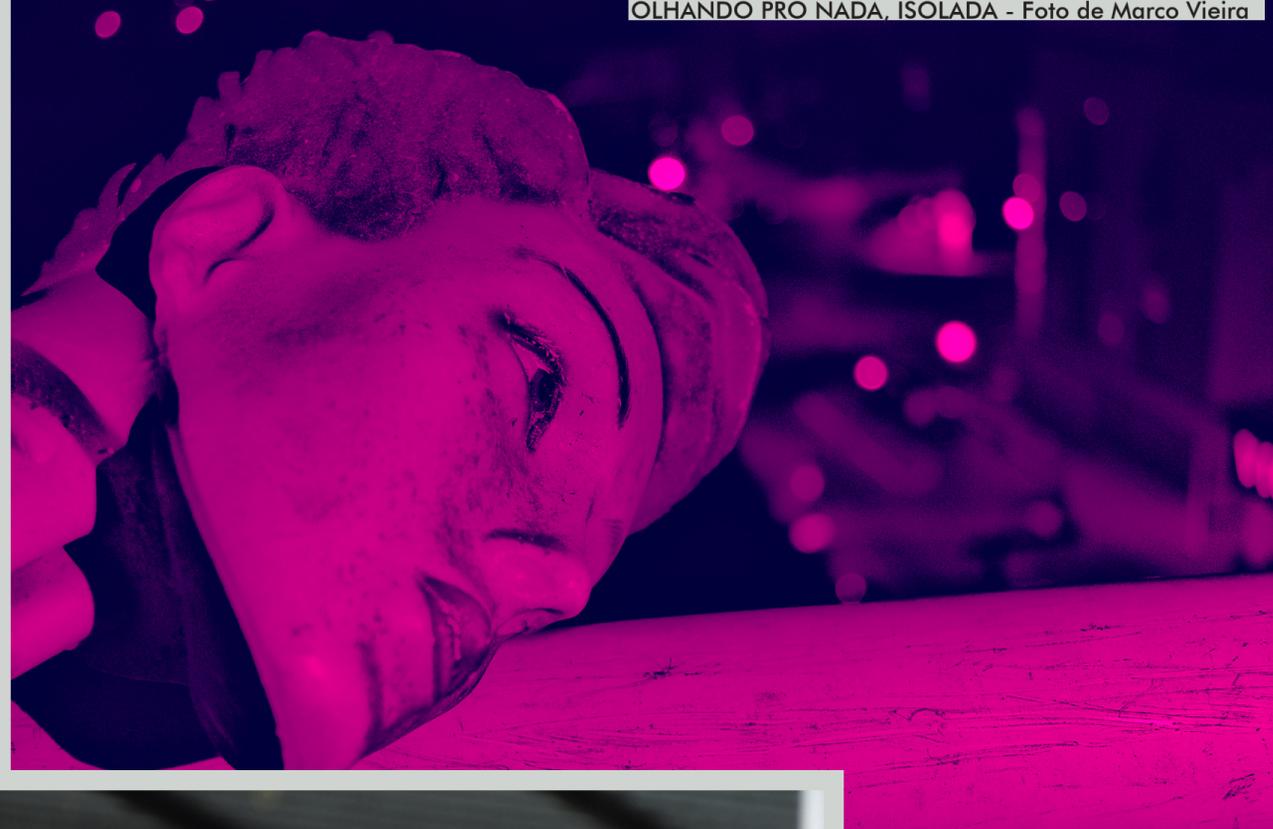


Foto de Pedro Lima



OLHANDO PRO NADA, ISOLADA - Foto de Marco Vieira



Foto de Letícia Cozoli



Foto de Stéfany Peron



Foto de Davi Pinho

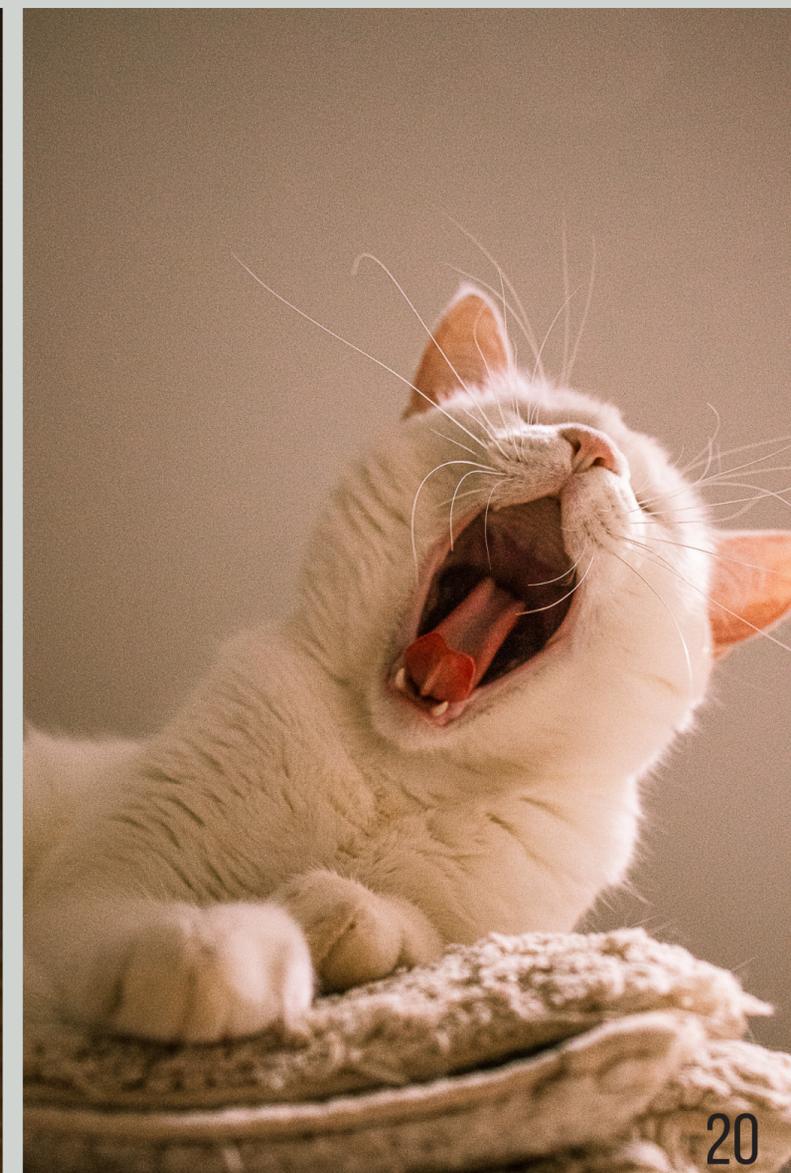


Foto de João Vítor Martins



Ilustração de Ana Kei Osera



Foto de Pedro Lima



Foto de Pedro Lima



Foto de Máira Amaral



Foto de Davi Pinho



Foto de Davi Pinho

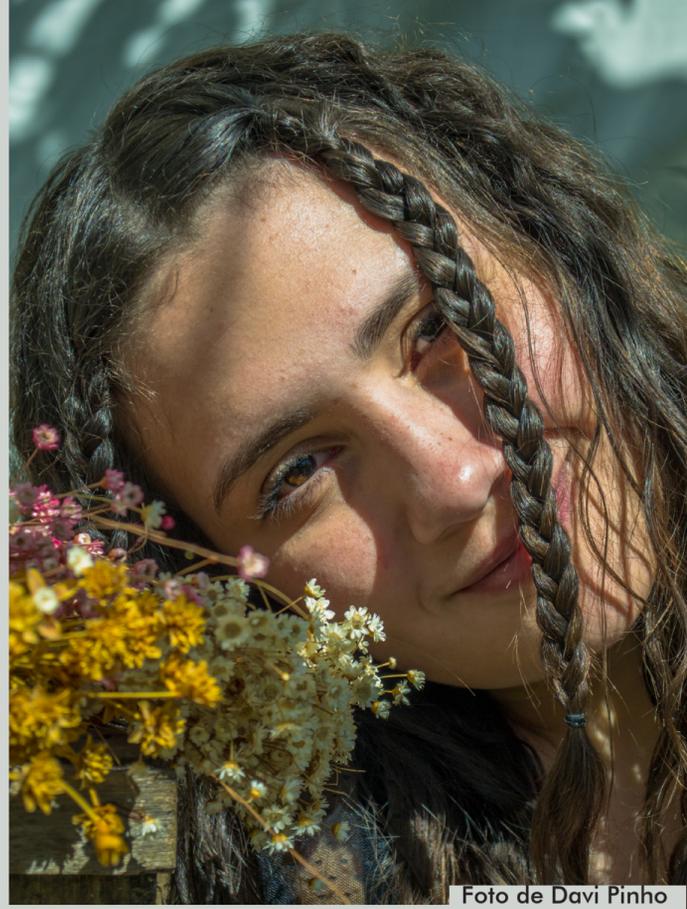


Foto de Davi Pinho

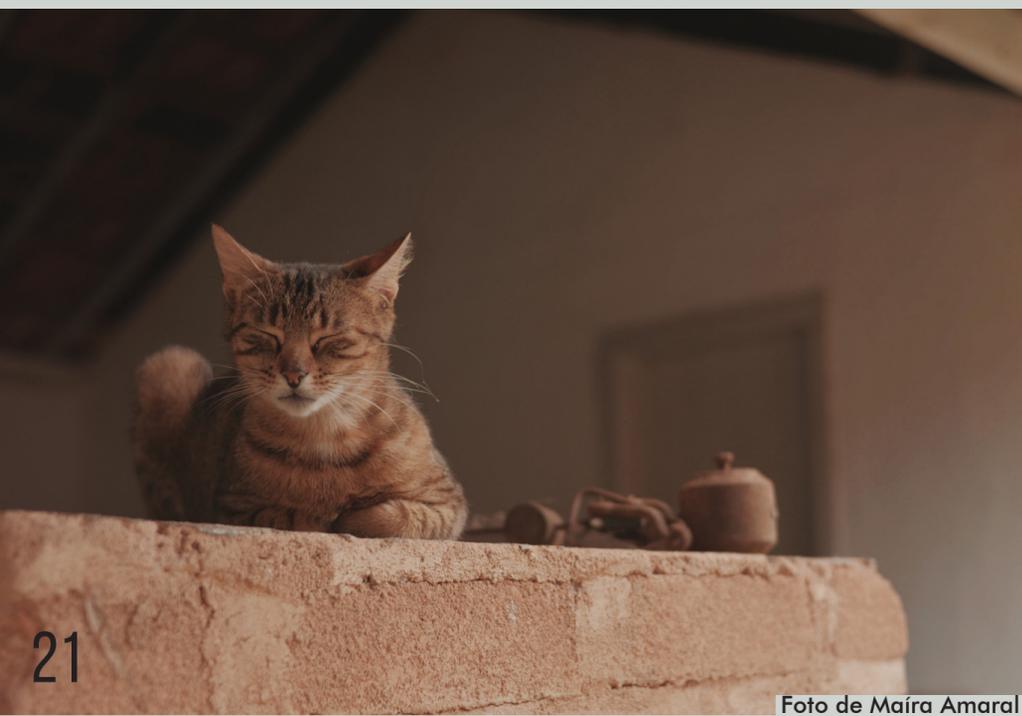
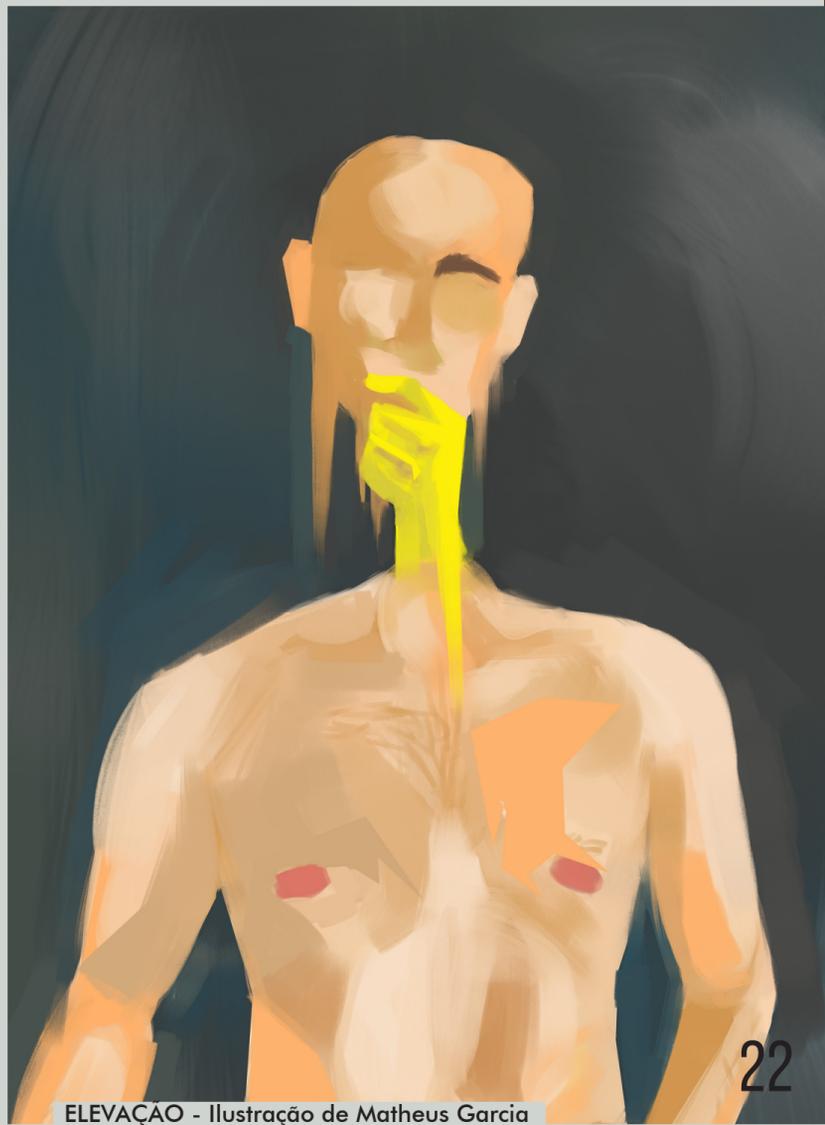


Foto de Máira Amaral



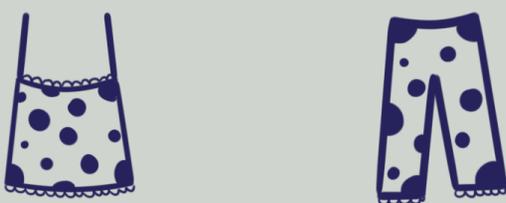
Foto de Pedro Lima



ELEVACAO - Ilustração de Matheus Garcia

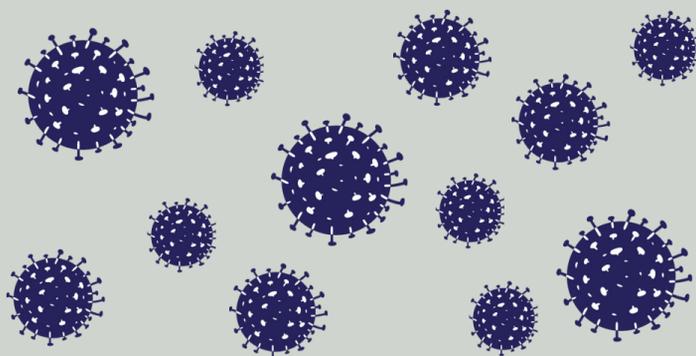
QUAL A ORIGEM DA QUARENTENA?

A palavra "quarentena" tem origem italiana. A Itália determinou que todos os navios que aportassem em Veneza ficassem 40 dias isolados antes do desembarque de seus passageiros, para que as doenças de outros países não se espalhassem pela Itália. "Quarentena" vem da expressão italiana "quaranta giorni", que significa o período de quarenta dias.



VÍRUS OU MALDIÇÃO?

A proliferação de doenças de maneira descontrolada era entendida como sobrenatural ou religiosa antes da medicina reconhecer os verdadeiros agentes por trás dessas epidemias.



SORVETE OU DESODORANTE?

Segundo a Unilever, nos três meses anteriores a junho, as vendas de sorvetes aumentaram em 26%, enquanto as de desodorante e shampoo caíram muito. Curioso, né?



40?

MAS POR QUE QUARENTA DIAS?

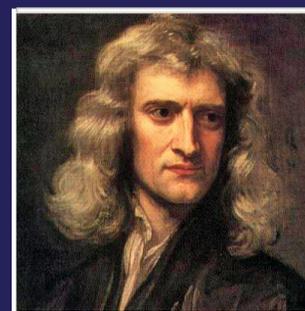
Por que 40 dias? Não se sabe ao certo. Alguns estudos apontam que os 40 dias podem ser referência da quaresma católica, dos 40 dias que Cristo ficou no deserto ou até mesmo dos 40 dias de resguardo do pós-parto.



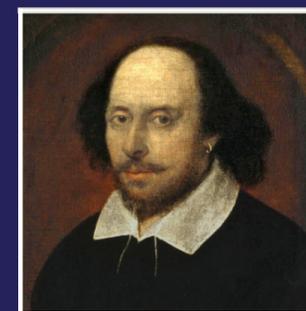
O QUE MAIS BUSCARAM NA QUARENTENA?

Segundo um relatório publicado pelo Google, entre março e maio deste ano, as procuras por "pijamas", "cadeira de escritório", e "aspiradores" cresceram mais de 50%, juntamente com "fritadeira sem óleo" e "máquina de cortar cabelos".

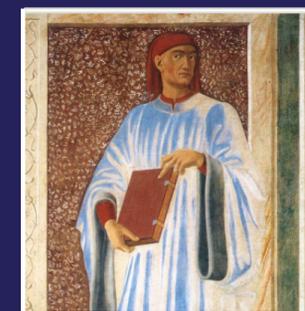
VOCÊ SABIA QUE NEWTON, SHAKESPEARE, BOCCACCIO E MUNCH PRODUZIRAM DURANTE DIFERENTES ÉPOCAS DE ISOLAMENTO SOCIAL?



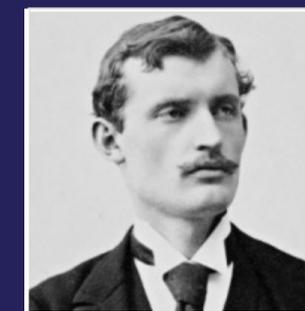
NEWTON POR KNELLER, 1689.



SHAKESPEARE POR JOHN TAYLOR.



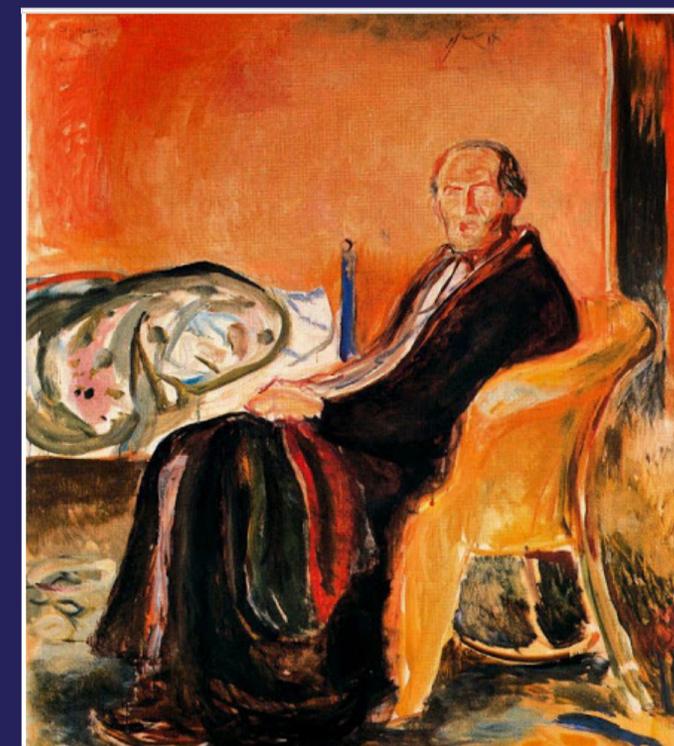
BOCCACCIO POR ANDREA DEL CASTAGNO.



RETRATO DE MUNCH.

Isaac Newton, William Shakespeare e Giovanni Boccaccio trabalharam e produziram obras em período de isolamento social por conta da mesma doença - a peste bubônica - mesmo que em épocas diferentes. Já Edvard Munch, autor da famosa pintura "O Grito", produziu durante o isolamento por conta da epidemia da Gripe Espanhola em 1918. "O Grito" não foi uma obra pintada durante o isolamento, mas "Autorretrato após a Gripe Espanhola" sim, que mostra o próprio artista em processo de melhora da doença.

O isolamento de Newton resultou nas bases do cálculo diferencial e integral. Além disso, ele montou suas primeiras teorias sobre ótica. Já Shakespeare, enquanto os teatros de sua cidade estavam fechados, escreveu obras como Rei Lear e Macbeth. Boccaccio, após perder os pais para a praga, escreveu sua obra mais famosa: o Decamerão.



"AUTORRETRATO APÓS A GRIPE ESPANHOLA" (1919)



POR MAIS UM BESTEIRO EM SUA VIDA

Por João Vitor Moraes

Ah, 2020... esse ano esquecido pelos deuses, essa terra de ninguém, onde o surto é um grande ato de sanidade. Envoltos nesse caos, antigos problemas se tornam mais aparentes, o que na era da informação significa uma torrente de notícias e dados capazes de intoxicar qualquer um. Com isso, a cobrança por produtividade aparece em coisas triviais como: “o que devo assistir?”. E, graças a essa culpa, deixamos de lado obras que julgamos puramente escapistas por sua camada mais superficial – como o humor escatológico de *South Park* ou a fofura infantil de *Steven Universe* – sendo que, mesmo com seu exterior mais difícil de levar a sério, possuem um discurso mais elaborado em seu interior.

Uma mídia que masterizou essa técnica de esconder discursos densos sob um véu de escapismo barato foram os animes – as pérolas nipônicas que estouraram como rosas em uma sociedade rígida e sufocante – que vão desde animes fofos e bobos com o objetivo de te fazer esquecer o dia-a-dia, até obras completamente densas com narrativas confusas para te fazer questionar. Há, também, aqueles que mesclam ambas as características, te vendendo no primeiro momento obras agitadas, coloridas e descompromissadas, enquanto deixam escapar pouco a pouco uma narrativa que diz muito sobre assuntos sérios e atuais. Dito isso, um anime que marcou tanto a Indústria Japonesa, como a Indústria Ocidental, foi *Fooly Cooly*.

A primeira coisa a ser dita sobre FLCL (*Fooly Cooly*) é que ele foi produzido pela Gainax em 2000, um estúdio de renome que havia acabado de lançar *Evangelion*, uma obra que inspirou todo o

mundo, desde obras independentes até os *Blockbusters* estadunidenses.

Nesse cenário, o estúdio começou a produzir um anime menor, de apenas 6 episódios, e, ao contrário de seu irmão mais velho, FLCL não era levado nem um pouco a sério. Isso pode ser refletido em uma entrevista com seu diretor:

“[...] FLCL nunca precisaria ser tão sério como *Evangelion*. Mesmo quando você está estressado, você ainda come doces. Dessa forma, se tiver algo interessante passando na TV, você vai acabar assistindo. Não é só por que você está estressado que você precisa sentar abraçados em seus joelhos no canto do quarto. Eu queria refletir isso em FLCL”.

Além de ter sido batizado com um nome que não possui significado real, *Fooly Cooly* possui em suas técnicas de animação o único intuito de manter os telespectadores entretidos em uma viagem visual que vai desde usar páginas de mangá sem acabamento, passando os quadros com a câmera, até chegar no estilo de *South Park*. Mesmo nesse cenário de caos e entretenimento, a história te conta sobre personagens quebrados que se sentem abandonados e perdidos em uma narrativa completamente humana e pé no chão, que apesar de trágica e densa, em momento nenhum deixa de ser cômica, divertida, leve e eletrizante, numa dança paradoxal e encantadora.

Quando se sentir estressado, não culpe-se por comer doces ou assistir algo que pareça interessante por medo de não estar sendo produtivo. Às vezes, tudo que precisamos produzir é um pouco de diversão.



FEMINISMO NEGRO EM TEMPOS DE COVID-19 NO BRASIL

Por Maria
Fernanda Ruas

Diante da denúncia da incapacidade do feminismo hegemônico de abraçar as mulheres de modo único e da insatisfação construída pelo descaso com pautas relativas à diferença, o feminismo negro trouxe luz à reflexão sobre as opressões, que se mostram diversas, quando consideradas as várias maneiras de “ser mulher” no decorrer da existência.

Em um contexto pandêmico, em que a atividade doméstica, por muitos, é vista como essencial e marcada pela informalidade, são conclusivos os dados de uma pesquisa realizada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ela aponta que, de março a maio deste ano, 56% das pessoas infectadas pelo vírus eram mulheres.

Outro estudo histórico da Organização Internacional do Trabalho (OIT) mostra que mais de 90% dos 7 milhões de indivíduos que trabalham como diaristas no Brasil são mulheres e, dessas, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) estimou que cerca de 3,7 milhões eram negras.

Outro ponto importante é violência doméstica. O Atlas da Violência de 2019 apontou que, em 2017, quase 5.000 pessoas foram vítimas de feminicídio e, entre elas, 66% eram negras. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, se comparados os meses de março de 2019 com o de 2020 houve aumento de 22% no número de feminicídios.

O Brasil é um país com um jovem

estudo histórico de escravidão e a naturalização de ações racistas ainda é muito comum – o que piora quando situadas em um contexto em que as vulnerabilidades são acentuadas e a manutenção de privilégios abandona a sutilidade do normal. Todos, de alguma forma, são colocados em um lugar de fragilidade, diante dos riscos desconhecidos do vírus.



Foto: Nelson Antoine/Estadão Conteúdo

POR QUE UMA RENDA BÁSICA PARA OS MAIS POBRES É TÃO IMPORTANTE?

Por Júlio Rocha

Em 2016, a Finlândia implementou, de forma experimental, um programa pioneiro de renda básica para uma parcela desempregada da população. Segundo o governo, apesar da taxa de desemprego não ter mudado muito, os resultados foram benéficos! Aumentar o poder de compra para essas pessoas movimentou positivamente a economia e a criação de novos negócios entre os mais pobres subiu, visto que existe certa segurança caso o investimento não seja bem sucedido.

O Brasil, por sua vez, insiste em tentar emplacar uma política de austeridade que vem se mostrando falha há anos. Está nos afundando cada vez mais no cenário mundial e nos tornando ainda

mais num país desigual e difícil de se empreender (o que é meio redundante para os liberais, né?!). Porém, a pandemia e, consequentemente, a pressão internacional da oposição, obrigaram o governo a adotar o Auxílio Emergencial (que já é assunto batido).

O auxílio pode ser o primeiro passo não só para o Brasil, mas também para vários outros países adotarem uma política de assistencialismo mais forte. A experiência da Finlândia e de outros países que contam com modelos mais sociais de governo nos mostram o quanto isso é necessário!

Talvez eu tenha um ponto de vista meio utópico, porém resta à classe média e aos liberais entenderem que não são ricos, que a ascensão social dos mais pobres não faz mal, que o neoliberalismo não funciona em um país onde grande parte da população não tem acesso à educação ou saneamento básico e que não dá mais para eleger líderes populistas!

Imagem: Freepik.com. Esta capa foi desenhada usando recursos do freepik.com





COMBATA O COVID-19 COMO UMA MULHER

Por Julia Camim

A eficácia da liderança feminina contra o covid-19 é comprovada. Mas será que a forma de liderança adotada é inerente ao gênero? A resposta é não! O modo como as mulheres são socializadas tem um papel fundamental. Fomos ensinadas a “ter cuidado” porque somos frágeis e um dia seremos salvas por um homem (espero que até o fim da leitura todos queiram ser salvos por presidentas) e estamos acostumadas a arrumar a bagunça deles desde crianças.

Além disso, a não negação de fatos científicos e a comunicação clara com a sociedade surgem muito antes de assumir um alto cargo político. Pergunte a uma mulher que gosta de futebol qual seu time preferido. Provavelmente, inúmeras perguntas serão feitas. Ao mesmo tempo, se fizermos a pergunta a um homem, ninguém irá questionar a sua opinião.

Ou seja, uma mulher deve provar

de inúmeras formas seu ponto de vista e assim, percebemos a relação entre ciência e gênero, o que leva a falas sem embasamento científico de muitos homens que, em meio a uma crise de saúde, colocam em risco inúmeras vidas.

A empatia e a situação econômica do país também mostram a diferença entre as lideranças. Devido aos salários desiguais e à cultura de “marido provedor da família”, há uma dependência das mulheres em relação aos homens. Daí, o primeiro passo dos governantes homens é, a curto prazo, agrandar a população. Já o intuito delas é proteger as pessoas da vulnerabilidade e isso envolve principalmente as mulheres que, além da questão econômica, também lidam com a violência doméstica. São decisões que vão além de uma preocupação com a própria reputação política; elas são tomadas empaticamente, visando reduzir o aprofundamento das desigualdades.

A CULTURA DO CANCELAMENTO PRECISA SER

• CANCELADA •

Por Maria
Eduarda Melo

Em 2019, o dicionário *Macquarie* escolheu como termo do ano: “A cultura do cancelamento”. A expressão consiste em punir alguém por uma atitude considerada moralmente inadequada, e foi eleita como a que mais caracterizou o comportamento do ser humano durante o ano.

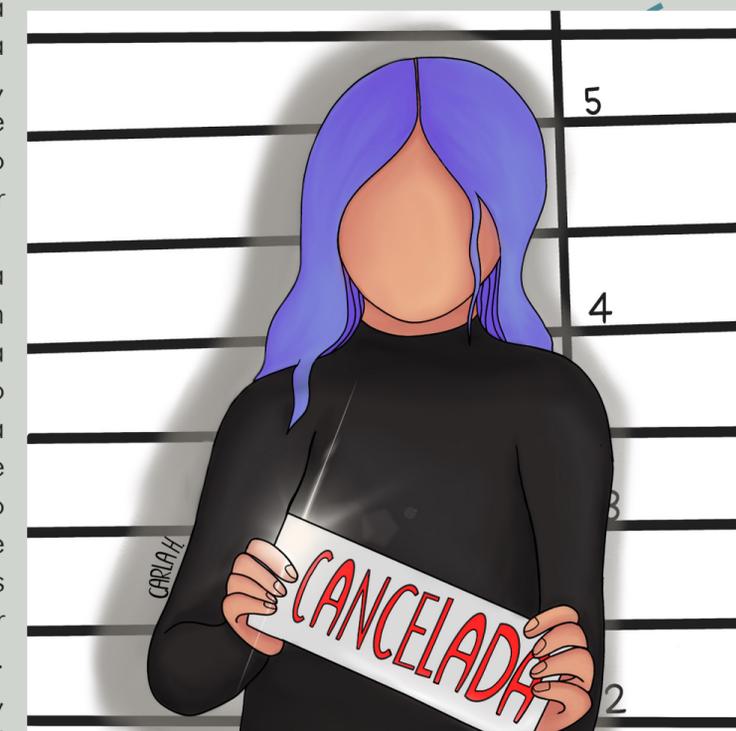
Não é surpresa que a internet tem se tornado um lugar para promover justiça social, e que o mundo se encontra em busca da perfeição. Acontece que as pessoas estão utilizando argumentos de desconstrução de antigos costumes para promover o linchamento virtual. Ao cancelarem alguém, esperam que essa pessoa

mude os posicionamentos e opiniões para assim e retomem a aceitação social.

Contudo, a onda de cancelamento vai contra uma estrutura que tenta modificar as pessoas por meios mais sensíveis e menos autoritários. Durante o período de isolamento social, foram inúmeros os “cancelados”. Com bastante tempo livre e muito tédio, pessoas começaram a ser canceladas por pequenos conflitos de opiniões. Por exemplo: por não gostarem de um artista, de uma música, ou por não conseguirem terminar a série que é aclamada pela maioria.

social é prejudicial à saúde. Logo, cancelar e isolar uma pessoa não é a melhor forma de fazê-la refletir sobre seus erros, pois isso pode causar revolta e impedir qualquer transformação futura. Perseguir alguém em defesa de uma causa é uma forma de censura, por isso é preciso, urgentemente, aprender a diferenciar lutas por movimentos importantes de meios de abusos e punições. Não é sobre “passar pano” para atitudes erradas e preconceituosas, é entender que ninguém nasce desconstruído. Portanto, argumentar e explicar o erro é a melhor forma de fazer alguém aprender com as falhas e aceitar alguma mudança.

Essa quarentena é uma prova de como é complicado ficar isolado, e como a falta de contato aceitar alguma mudança.



NOVOS HÁBITOS DA QUARENTENA

Por Mayla Araújo

adaptar ao momento.

A pandemia de COVID-19 trouxe mudanças de hábitos em todo o mundo. Por ser uma doença de alto risco de contágio, algumas das medidas recomendadas são o distanciamento social e o uso de máscaras e de álcool em gel. Nos pontos críticos da doença, foi decretado o *lockdown*, ou seja, apenas os serviços essenciais poderiam funcionar. Mesmo nos momentos em que essa medida não estava em vigor, muitos setores permaneceram sem poder atuar normalmente e então, tiveram que se

E-commerce

O setor de bares e restaurantes sofreu por grande parte do ano, pois é um dos últimos a ser liberado nos processos de flexibilização adotados pelos governos. Com isso, tiveram que recorrer às vendas por *delivery* para conseguir manter seu negócio. Mesmo assim, em São Paulo, cerca de 50 mil bares e restaurantes faliram. Se os negócios presenciais tiveram uma queda de abertura e de venda, o contrário ocorreu no e-commerce. Segundo uma pesquisa da

ABComm, houve aumento na abertura de comércios eletrônicos no Brasil. Isso foi possível porque a população passou a comprar mais pela internet, já que não era tão seguro sair de casa. O estudo mostrou que entre janeiro e agosto houve aumento de 65,7% no número de pedidos, o que trouxe um faturamento de quase 42 bilhões de reais.

Lives

Um fenômeno que impactou o ano de 2020 foi o das *lives*. A pandemia impediu que artistas se apresentassem de forma presencial. Uma saída encontrada

FATURAMENTO NO COMÉRCIO DIGITAL BRASILEIRO SEGUNDO A ABCOMM (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE COMÉRCIO DIGITAL)

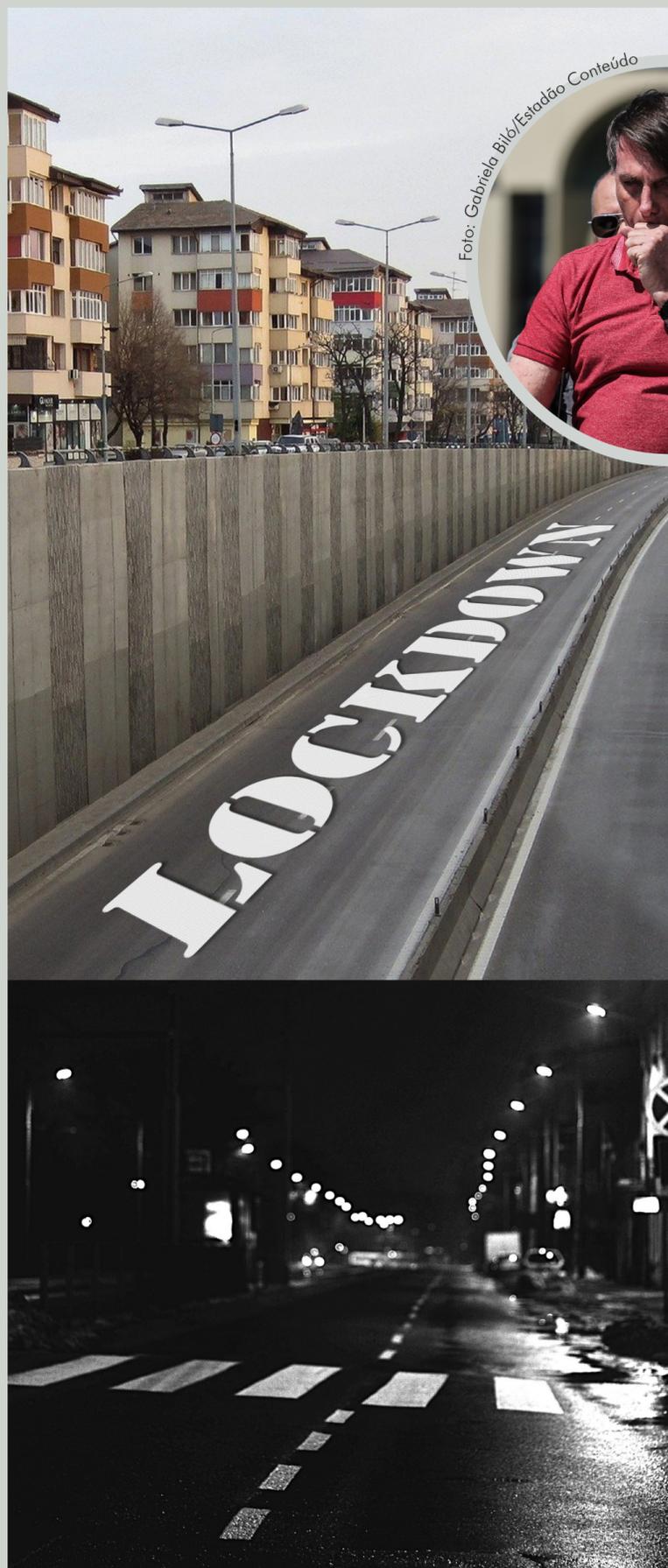
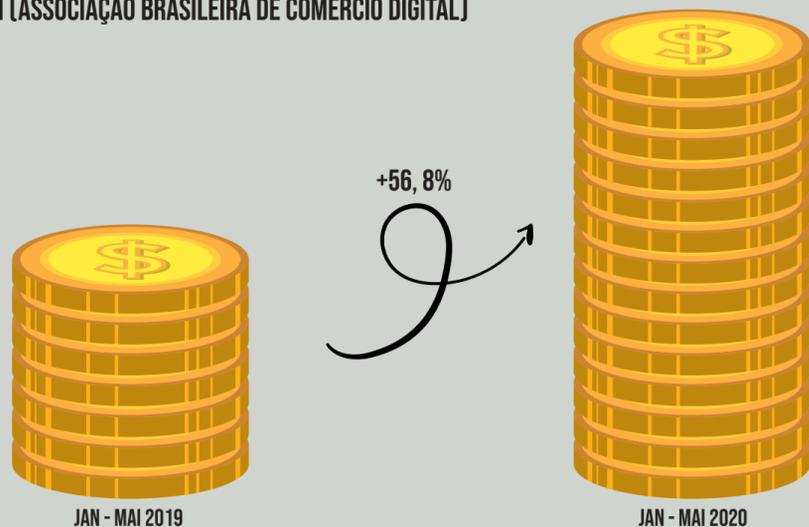


Foto: Gabriela Biló/Estação Conteúdo

LIVES MUSICAIS MAIS POPULARES DA QUARENTENA



para que continuassem levando entretenimento à população foi transmitir shows ao vivo de suas casas. Com isso, o YouTube registrou, desde março, um aumento de cerca de 19% na produção de lives e de 4900% na busca por esse tipo de conteúdo. O sucesso foi tanto no Brasil que 8 das 10 *lives* musicais mais populares são de artistas brasileiros – o primeiro lugar até agora é da cantora Marília Mendonça, que atingiu 3,3 milhões de acessos simultâneos. Além de ser um formato importante para os artistas continuarem trabalhando, as transmissões ao vivo também foram uma maneira de arrecadar doações para o combate

ao coronavírus. A cantora Lady Gaga, em parceria com a ONG *Global Citizen*, promoveu a “*One World: Together at Home*”, na qual diversos artistas se apresentaram em cerca de 8 horas e arrecadaram 127 milhões de dólares para ajudar os profissionais de saúde de todo o mundo que estão combatendo ao COVID-19.

Falou pouco, mas falou...

A quarentena no Brasil foi marcada por declarações polêmicas do atual presidente, Jair Bolsonaro. Diversas vezes ele minimizou os efeitos do vírus, não utilizou máscara em público e ainda promoveu aglomerações. Essas ações afetaram

diretamente os índices de isolamento social do país, que caíram de forma considerável. Se analisarmos o estudo da *startup In Loco*, que tinha o objetivo de metrificar o índice de isolamento social no país durante a pandemia, e compararmos às falas públicas de Bolsonaro, vemos uma relação direta. A exemplo disso, em 22 de março 69,5% das pessoas analisadas estavam em casa, 5 dias após a confirmação da primeira morte no país pela doença. No dia 24, ele fez o discurso em que comparou a COVID-19 a uma “gripezinha” e defendeu o “isolamento vertical”. A partir de então, a taxa de isolamento social foi caindo e chegou a 47,2% no dia 1 de abril.



Por Maria Eduarda Melo

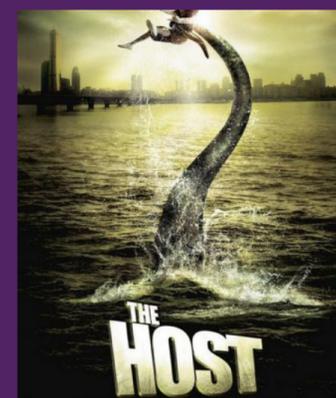


O livro "A ilha" é um romance que conta a história da família Petrakis, a qual foi marcada pela lepra. A história começa com Alexis, uma jovem de 25 anos que se sente perdida e procura algumas respostas no passado de sua família. Durante sua busca, ela descobre que sua bisavó foi diagnosticada com lepra e foi obrigada a morar na ilha de Spinalonga, onde leprosos eram exilados até a morte. Por meio de suas descobertas, a jovem passa a entender questões do seu passado e consegue enxergar melhor seu futuro e o que ela espera dele.

A ilha é meu livro favorito da vida. Estou sempre indicando ele pra todo mundo, porque sei que não vai decepcionar. Além de que, ele fala um pouquinho de pessoas que eram isoladas por causa de uma doença, então fica a dica de leitura para esta quarentena!



O insta DauMAJUDA foi criado durante o período da quarentena pelas amigas Marina, Julia e Daiana. Com o intuito de construir um espaço de exposição de ideias e de opiniões, o perfil é composto por publicações e vídeos que discutem temas relevantes e necessários para a sociedade. Por meio de falas expressivas e reflexões muito importantes, as meninas criaram um espaço descontraído, trazendo as discussões de forma leve. Não perco uma postagem!



O filme "O Hospedeiro" começa com dois cientistas americanos despejando uma substância tóxica, que iria ecoar até o rio Han, na Coreia do Sul, ato que acaba gerando um mutante. O filme relata a história de uma família em busca da filha, após ela ter sido levada pelo monstro, em meio ao caos urbano e a agitação social. Medidas de controle social são tomadas pelo governo por medo de um suposto vírus letal carregado pela criatura.

Filme Contágio: o filme de 2011 é sobre uma epidemia que se espalha no mundo inteiro. Retrata a busca de médicos em busca da identificação de um vírus altamente transmissível, que é espalhado pelo ar, para conseguir combatê-lo. É uma corrida para encontrar a cura, enquanto pessoas comuns lutam para sobreviver. A obra foi muito lembrada e citada no início do isolamento, se tornando um dos filmes mais vistos da quarentena, devido às semelhanças com a situação pela qual estamos passando.

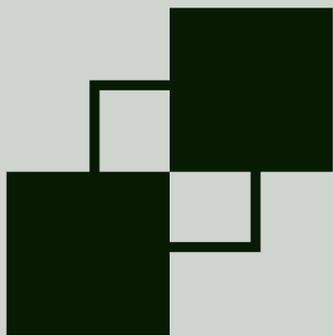


No início da quarentena, a banda Melim lançou seu segundo álbum 100% autoral e com uma pegada diferente do primeiro. O disco "Eu feat. Você" abordou temas mais engajados e profundos em suas músicas, sem perder a essência do grupo. Contaram com a participação de Lulu Santos, Rael e Saulo. Esse álbum tá perfeito demais! As músicas já fazem parte da minha playlist diária.

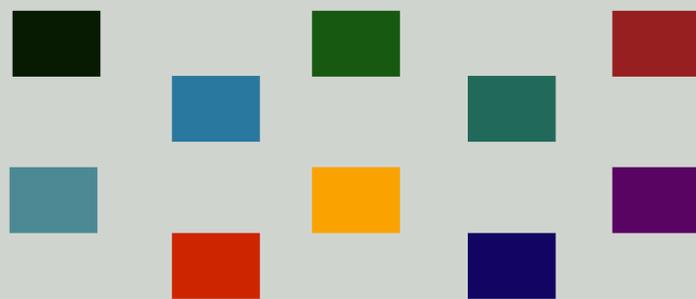


Álbum "Não Tem Bacanal na Quarentena", Baco Exu do Blues: Após o isolamento social ter impedido o lançamento do álbum Bacanal, o rapper compôs nove músicas durante o período de quarentena. Registrou no álbum o que estava vivendo dentro de casa, fazendo referência em suas músicas à torcida do Babu no BBB e ao meme do coronavírus da Cardi B.





Confira a paleta de cores e a playlist dessa edição!



Escaneie o código e escute a nossa playlist no Spotify!

PLAY



Editoras – chefe

Ana Kei Osera, Maria Eduarda Melo, Mayla Araújo e Nara Rozado.

Autores das Matérias

Ana Kei Osera, Bruna Vargas, Estela Antunes, Felipe de Azevedo, João Vitor Moraes, Julia Camim, Julia Lourenço, Júlio Rocha, Maria Eduarda Melo, Maria Fernanda Ruas, Mayla Araújo e Nara Rozado.

Fotógrafos/Ilustradores

Ana Kei Osera, Carla Helena Faioli, Davi Lima, João Vitor Martins, Letícia Cozoli, Maíra Amaral, Marco Vieira, Matheus Garcia, Pedro Lima e Stéfany Peron.

Diagramadoras

Ana Kei Osera, Maria Eduarda Melo, Mayla Araújo e Nara Rozado.

Revisão

Ana Kei Osera, Maria Eduarda Melo, Mayla Araújo e Nara Rozado.

Contato

✉ revistaamplie@gmail.com

📷 @revistaamplie

